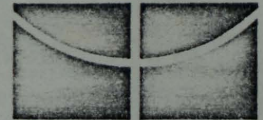


CAMPUS

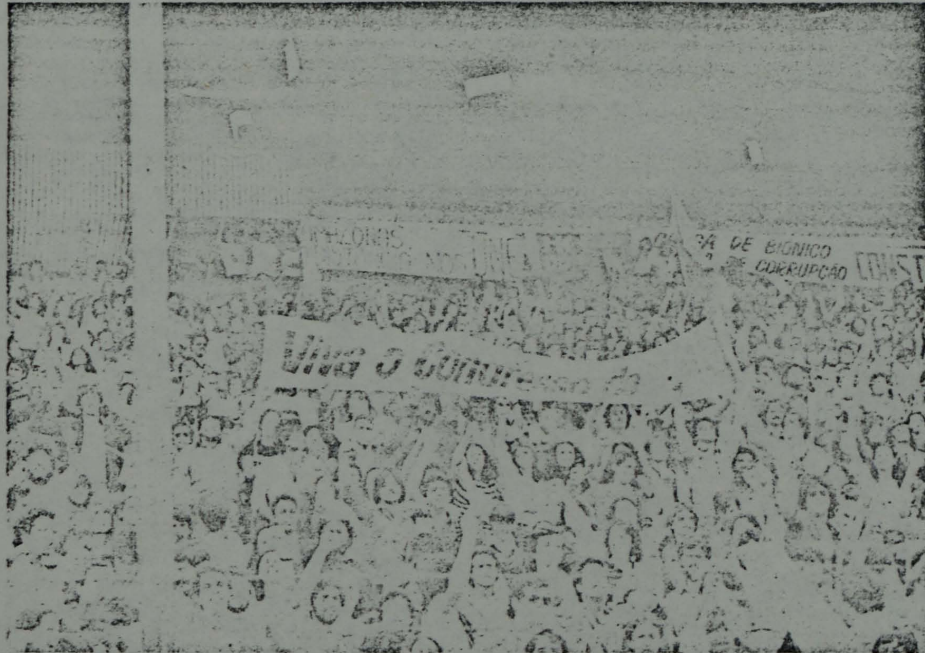


N.º 28 32 n. 26

Setembro 9

NOVEMBRO/80

Estudantes definem lutas da UNE



"A UNE SOMOS NÓS, NOSSA FORÇA E NOSSA VOZ" — a palavra de ordem que conseguiu unificar os 6.000 estudantes brasileiros presentes ao Congresso da UNE, em Piracicaba.

Seis mil estudantes compareceram ao 32.º Congresso da União Nacional dos Estudantes — UNE, em Piracicaba (SP), entre os dias 13 e 16 de outubro. Uma das principais decisões do Congresso foi as eleições diretas para a próxima diretoria da UNE, que contará com a participação de cinco chapas, Voz Ativa, Unidade, Viração, Mobilização Estudantil e Nosso Tempo.

O tempo foi insuficiente para as discussões políticas, mas não faltou bebida e muito samba para os participantes do Congresso. No segundo dia, foi roubada a caixa com os crachás dos 2.600 delegados presentes, o que provocou grande perda de tempo para nova identificação.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos estudantes, os jornais de Piracicaba noticiaram que a Câmara Municipal jamais havia comportado discussões tão profundas acerca da política nacional. Rui César, presidente da UNE, avaliou o encontro como "um dos maiores Congressos da entidade" e "um sucesso dentro do movimento estudantil brasileiro". Página 7.

Congresso diz em 81 se DF pode votar

Até março de 81 será decidido no Congresso Nacional se o brasileiro poderá ou não votar. A emenda constitucional de autoria do deputado Epitácio Cafeteira (PMDB-MA), que defende o brasileiro como eleitor, é vista pelo deputado Edson Lobão (PMDB-MA) como apenas uma a mais, em meio a uma briga que vem desde 1960.

No entanto, Cafeteira defende sua proposta, e acredita que ela será vitoriosa, mas que acima de tudo é preciso que o brasileiro dê apoio à emenda, para maior pressão sobre deputados e senadores do governo.

O deputado faz um apelo à população da Brasília para que entidades de classe, união de moradores, sindicatos, estudantes, etc., se unam a essa briga junto com ele. Página 2.

Psiquiatria no DF luta por modernização

Os métodos utilizados pela psiquiatria no Distrito Federal não diferem muito daqueles usados em todo o Brasil para tratamento de doentes mentais. Há carência de hospitais especializados, de gente especializada. O Dr. Antonio Siqueira, do Ministério da Previdência e Assistência Social, afirma que é preciso mudar todo o sistema atual de tratamento e implantar um método mais de acordo com as novas técnicas de terapia.

No entanto, a ciência que trata da mente humana tem áreas que apresentam experiências arrojadas, quebrando todo o academicismo científico: é o caso da psicoterapia, que tem na Gestalt um trabalho novo e contestador da dura abordagem freudiana. Em Brasília, um psicólogo paulista vem desenvolvendo um treinamento para formação de gestalt terapeutas de uma forma completamente diferente da feita nas universidades. Páginas 4 e 5.

Mistério e má fé nos anúncios de emprego

A batalha para se conseguir trabalho em Brasília começa desde o momento em que se procura os anúncios que saem nos jornais de domingo. Geralmente são ambíguos e fazem estranhas exigências, tais como "ter capacidade de introdução", "ter vontade de progresso" ou "espírito de equipe". Além disso, as pessoas são envolvidas numa teia de documentos e mistérios, pois nestes anúncios raramente se diz a natureza do trabalho, o que só ocorre depois de muita espera e conversa fiada. Na maioria das vezes, trata-se mesmo do que todo mundo imagina: vender enciclopédias. Página 8.

Encontros Internacionais questionados

Os Encontros Internacionais da UnB, promovidos pelo Decanato de Extensão, são realizados com o intuito de criar um fórum de debates, favorecendo o fluxo de idéias, segundo o decano Carlos Cardim. O presidente da Associação dos Docentes da UnB, professor Cláudio Todorov, acha no entanto que essas promoções, embora importantes, não devem impedir que programas "de dentro" da Universidade e mesmo da "comunidade brasiliense" sejam também realizados. Para o professor Todorov, este fato pode levar a Universidade a uma atrofia da sua função geradora de idéias, limitando-a a ser uma "escola técnica". Página 6.

Trabalho de Índio vende bem

A FUNAI arrecada uma grande quantia em dinheiro com a venda de artesanato indígena. Ao índio é paga uma quantia estipulada por uma antropóloga. Segundo o Diretor do Departamento Comercial da FUNAI a entidade não visa lucro com a venda desse trabalho. O dinheiro arrecadado é usado no pagamento dos alugueis das lojas, taxas de luz e pessoal. O pouco que sobra é aplicado na obtenção de estoques das lojas especializadas na comercialização desse artesanato. A preocupação primordial da FUNAI é não deixar que essa atividade venha a alterar de alguma forma a cultura dos índios, através de um interesse excessivo pela comercialização. Página 8.

Congresso só decide em 81 se o brasileiro vota ou não

TEXTO: M. Angélica T. Lima

Depois de 20 anos de briga parece estar se aproximando a hora do brasileiro ter a sua vez na política. A proposta de emenda à Constituição, de autoria do deputado Epitácio Cafeteira (PMDB-MA), que assegura ao povo do DF a eleição de seus representantes terá, de acordo com o calendário do Congresso, o parecer da Comissão Mista até o dia 21 deste mês e estará no Congresso Nacional até o dia 15 de março de 81, para a decisão final.

O deputado Edson Lobão (PDS-MA) não crê, no entanto, que sejam grandes as possibilidades de êxito dessa proposta. Alega ser esse um tema antigo, repetidamente abordado e que não haveria de ser agora, sem mais por que, que a vitória estaria assegurada.

"Tenho ponto de vista favorável ao voto do brasileiro", diz o deputado, apesar de não garantir o seu apoio no Congresso Nacional, caso seu partido decida ir contra. Entretanto, diz não conhecer manifestação oficial do PDS contrária à eleição no DF.

O deputado Cafeteira afirma que acredita na sua emenda, porque ela não prevê Assembleia Legislativa para o DF o que, para os homens do governo, só serviria para tumultuar a

programação da cidade. Segundo ele, os mais radicais chegam a desconfiar de que uma Assembleia Legislativa poderia até mesmo lotear e autorizar a construção de edifícios na Esplanada dos Ministérios, "como se o povo brasileiro fosse eleger irresponsáveis."

Várias propostas que dispuseram sobre Assembleia Legislativa para o DF foram rejeitadas. A última a ser apresentada foi a do senador Itamar Franco, de n.º 87/80, que acabou sendo anexada à do deputado Epitácio Cafeteira, de n.º 85/80.

TAL E QUAL ESTRANGEIRO

"O que minha emenda pretende é que o povo da capital tenha a sua voz ouvida no Parlamento brasileiro, onde se reúnem os representantes das pessoas domiciliadas nos estados e nos territórios. Se o povo de Brasília não tem representação no Congresso, o povo de Brasília não decide o seu destino, ou o destino do Brasil, ficando equiparado aos estrangeiros ou aos débeis mentais, ou ainda aos presos, condenados, que perdem os seus direitos políticos", é o que diz o autor da emenda.

Na forma da proposta do deputado Cafeteira, as eleições no DF seriam para eleger 3 senadores e tantos deputados federais quanto a legislação prevísse em função de

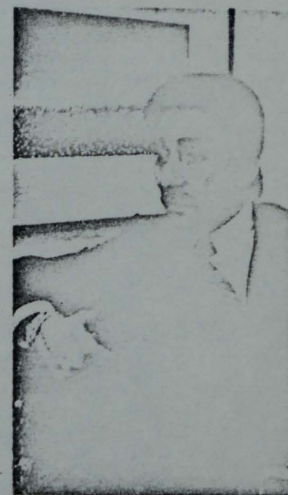
sua população. Haveria, por um lado, a oportunidade de somar a voz e o voto dos representantes de Brasília nos grandes temas brasileiros. Por outro, os senadores e deputados é que entregariam à comissão permanente incumbida de discutir e votar os projetos de lei sobre matéria tributária e orçamentária, serviços públicos e pessoal de administração do DF. Essa matéria é hoje entregue a um Comissão de Senadores eleitos em vários estados e sem nenhuma vinculação com a capital federal.

O POVO DEVE REIVINDICAR

Os deputados que defendem a representação política para o DF acham extremamente falho o dispositivo de fiscalização do governo pela Comissão do Senado, pois apenas no final de cada ano recebem um relatório que torna impossível o correto exercício da fiscalização.

"Ocorre que, não havendo fiscalização, o Governo deixa de dedicar-se a setores prioritários para cuidar do supérfluo, do suntuoso, daquilo que não é de interesse primordial da população", afirma o deputado Odacir Klein (PMDB-RS), com relação à construção da piscina de ondas em contraste com a precariedade e o abandono do setor de saúde e da educação na capital.

Segundo o deputado Edson



Cafeteira: "É preciso que o brasileiro reivindique que junto comigo"

Lobão, "as maiores conquistas em geral exigem paciência". E é devido a essa paciência que propostas de emendas são, incansavelmente, apresentadas desde 1960. A do deputado Cafeteira conta hoje com o apoio de cerca de 150 deputados. "Mas o entusiasmo e a adesão do brasileiro a essa luta é fundamental", diz ele. De que adianta a minha voz sozinha no Congresso, se o brasileiro não reivindica junto comigo? O interesse é de todos nós. A imprensa precisa divulgar, fazer com que as pessoas saibam da proposta para que, através de entidades, de órgãos de classes, de clubes de bairro e de união de moradores, se pressione senadores e deputados e se ganhe uma justa causa."

CAMPUS

JORNAL-LABORATÓRIO
UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA (UnB)
DEPARTAMENTO
DE COMUNICAÇÃO N.º 26
NOVEMBRO 1980

Publicação mensal do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Edição e Programação Visual a cargo das disciplinas "Técnicas de Jornal e Periódico I", "Edição Jornalística" e "Paginação e Revisão", Universidade de Brasília (UnB), Campus Universitário, Asa Norte, 70.000, Brasília, DF.

Diagramação: Sívio Guedes

Taxa de lixo poderá ser cobrada no DF

TEXTO: Elizabeth Tavares

A taxa de limpeza pública poderá ser cobrada no Distrito Federal a partir do próximo ano, caso seja aprovado o projeto de lei que a institui e que deve ir a plenário ainda neste mês para ser votado. A informação foi prestada pelo senador Itamar Franco (PMDB-MG), acrescentando que o projeto será aprovado com certeza, pois o governo tem a maioria no Senado e está a favor do emprego da taxa.

O senador Itamar Franco foi quem mais colocou obstáculos para evitar a deliberação desse projeto. No entanto, se desta vez o projeto, obedecendo a uma emenda acrescentada pela Comissão de Justiça do Senado, determinar que a taxa passa a vigorar no ano de 81, não haverá impedimento para a sua votação, ressalta ele.

Outras fontes do Senado Federal admitem que "o projeto só não foi a plenário ainda porque o senador Itamar Franco não deixou, senão já teria ido e possivelmente estaria aprovado."

O projeto ficará nas mãos do senador até o final de outubro, prazo a ele concedido para analisar a emenda que estipula a data de vigência da lei que, inicialmente, estava prevista para 1.º de janeiro

deste ano. Baseado neste dispositivo, ele impediu a tramitação do projeto, fazendo-o retornar às Comissões para novo estudo, alegando, na época, a sua ilegalidade. Está previsto no capítulo dos Direitos e Garantias Individuais, da Constituição brasileira, que nenhum tributo será cobrado, em cada exercício, sem que a lei que o tenha criado esteja em vigor antes do início do exercício financeiro.

A emenda aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado estabelece o adiamento da data indicada originalmente para a vigência do projeto — 1.º de janeiro de 1980 — pelo prazo de 3 meses, a contar de outubro. Desta forma, se tornaria lei a partir de janeiro do próximo ano.

REDUZIDA OU AUMENTADA

Esse projeto de lei, elaborado no final de 1979, prevê a cobrança anual da taxa de limpeza de todos os proprietários de imóveis situados em logradouros ou vias em que serviços de retirada e tratamento de lixo forem prestados pelo Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal.

A taxa poderá ser reduzida, segundo o projeto, "em casos de contribuintes de pequena capacidade econômica", e ter acréscimo (de até 100%) quando os imóveis estiverem ocupados por hotéis,

hospitais, pensões, colégios, bancos, fábricas, oficinas, bares, restaurantes, cafés, lanchonetes, sorveterias, clubes esportivos e sociais, postos de lavagem e lubrificação, supermercados e outros estabelecimentos semelhantes a estes.

VALOR DA TAXA

A taxa de lixo será calculada em função da área do imóvel. Em caso de imóveis residenciais edificados ou não, o valor do tributo vai variar entre Cr\$ 124 (até 40 m² — edificados e 200 m² — não edificados) e Cr\$ 3.720 (acima de 1.000 m² para ambos), por ano.

Os proprietários de áreas não residenciais, com ou sem construção, pagarão em torno de Cr\$ 496 (até 30 m²) e Cr\$ 9.920 (acima de 10.000 m², construída) ou Cr\$ 7.440 (com mais de 5.000 m², não edificadas). Entretanto, estes valores estarão sujeitos a aumentos anuais, ocorridos no mês de maio de cada ano.

ISENÇÕES

Conforme o projeto, ficarão isentos da cobrança da taxa de lixo os Governos Federal, Estadual e Municipal, incluindo suas autarquias, estabelecimentos religiosos, UnB e fundações instituídas pelo Distrito Federal, embaixadas e residências de agentes diplomáticos e entidades filantrópicas.

Mostra de dança do DF sem data para realização

TEXTO: Sylvio Guedes

"Se você me perguntar quando vai se realizar a I Mostra de Dança do DF ou se ao menos vai se realizar eu lhe respondo: não sei. E não acredito que alguém possa saber, já que eu faço parte da Comissão Organizadora e, a menos que me tenham alijado do processo, eu deveria estar informado de qualquer evolução no andamento das coisas". É o que afirma Paulo Roberto Correa Marques, o "Copa", proprietário da academia Adágio Ballet Moderno e um dos principais articuladores da Mostra.

No Rio de Janeiro, este ano, realiza-se a III Mostra de Dança. Em São Paulo, tantas ou mais. As maiores companhias de balé de todo o mundo, nos últimos cinco anos, já passaram pelos palcos brasileiros (Royal Ballet, Balé de Stuttgart, Balé do Século XX, os grupos de Alwin Ailey e Alwin Nikolais, o Ballet da Ópera de Paris e tantos outros, inclusive os restos mortais do Balé Bolshoi, que até hoje não enviou seu primeiro time de bailarinos a palcos sul-americanos). A dança já se tornou mania em todo o país e grupos como o Staging, Corpo, Balé do Rio de Janeiro, o Balé de Dalal Achcar e outros já apresentam trabalhos capazes de levar público às salas de espetáculo e trazer elogios dos críticos de algumas capitais da dança de todo o mundo.

"JÁ EXISTE QUALIDADE"

Se em outras capitais já existem grupos de expressão e sucesso de público correspondente, em Brasília a situação é um pouco diferente. Graças ao que Paulo Roberto chamou de "picuinhas, rixas" entre as diversas academias da cidade, grupos muito bons ou pelo menos muito bem intencionados não têm podido se desenvolver. "Existem coisas muito boas que podiam inclusive estar sendo apresentadas

em outras cidades. O que faz com que Brasília seja um pouco 'morta' em termos de dança é que não existe esse espírito de coletividade no meio", lastima Copa. E ele inclusive denuncia que certas entidades também tomam partido, também têm as suas preferências, o que contribui para essa falta de coesão e desvio de objetivos.

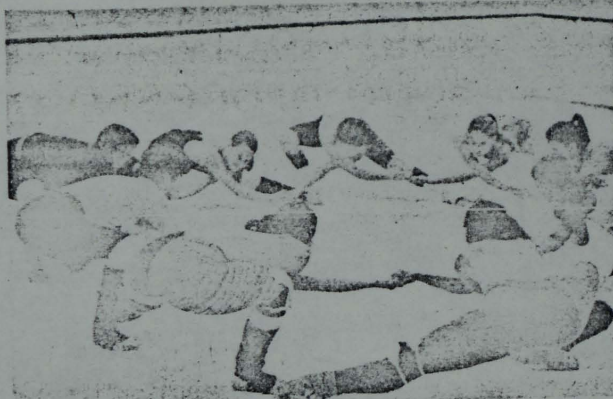
2 DE JUNHO DE 1980

De acordo com as atas das reuniões da Comissão Organizadora da I Mostra de Dança do DF, que contaria com o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro, o período para realização das exposições seria de 15 de agosto a 1.º de novembro. Na reunião de 2 de junho, ainda de acordo com a ata, tudo parecia bem definido e programado. Já estavam determinados os grupos participantes (Ensaio Teatro e Dança, Gisele Santoro, Studio Danças, Centro de Estudos Afro-Brasileiros, Hugo Rodas, Adágio, UnB, Norma Lília, Cinart e Lúcia Toller), os locais de exibição (Plano Piloto e mais Brasília, Gama, Guarã II, Planaltina e Taguatinga), o preço dos ingressos (Cr\$ 30 para as cidades satélites e Cr\$ 60 para o Plano Piloto) e as salas de espetáculos ("fica então a cargo do representante do SNT a reserva dos locais com a devida antecedência").

Também se procedeu a uma espécie de cadastramento dos grupos de dança, exigindo-se deles releases com fotos, histórico do grupo, nome dos participantes, roteiro do espetáculo e ainda uma ficha de cadastramento, com nome do grupo, número de bailarinos, data de criação, número de espetáculos já apresentados e outros dados. Tudo muito organizado e bem preparado.

FALTOU ESTRUTURA

Na reunião de 10 de junho, algumas modificações: "substituição



Já existem em Brasília grupos de dança apresentando bons trabalhos, dignos de serem mostrados em outras capitais.

das cidades satélites do Gama e Guarã II por Ceilândia e Cruzeiro Velho no calendário, respectivamente; a pedido de alguns grupos, ficaram suspensas as apresentações às sextas-feiras". De lá para cá, mais nada de produtivo se fez em termos de realizar efetivamente a Mostra de Dança. Houve, conforme afirma Paulo Roberto, uma falta de infraestrutura necessária à organização de um evento desse tipo.

Questões como dimensões mínimas de palco, camarins e côxias, recursos de som e iluminação, tipo de piso, boca de cena, ensaios prévios nos locais de exibição, número de bailarinos, tempo de duração do espetáculo foram levantadas pela comissão com cada um dos grupos participantes. Mas, mesmo assim, o prazo era muito escasso: 2 meses e 13 dias para a realização total de uma mostra que englobaria algo como 120 apresentações de grupos e estilos diferentes, em locais e condições variadas, para público desconhecido e quem sabe hostil. "O brasileiro", segundo Copa, "não valoriza o trabalho que vem sendo desenvolvido aqui, pelos grupos de dança de Brasília. Aliás, o Projeto Platéia tem exatamente essa intenção: educar o público para assistir a uma peça teatral, a ver um filme, a ouvir música e a admirar um espetáculo de dança".

DINHEIRO ERA O PROBLEMA

O que parece ter feito o SNT esfriar em relação ao projeto é a questão orçamentária. Primeiro porque a venda de ingressos reverteria para os próprios grupos que, inclusive, receberiam um cachê por apresentação. "O que estourou realmente o orçamento e que talvez tenha efetivamente impossibilitado a realização da Mostra foi o fato de que quase todos os locais apresentavam muitos problemas. Seriam necessários gastos elevadíssimos para tornar os lugares próprios e em condições para a apresentação da Mostra" especula Paulo Roberto.

Esses locais seriam, via de regra,

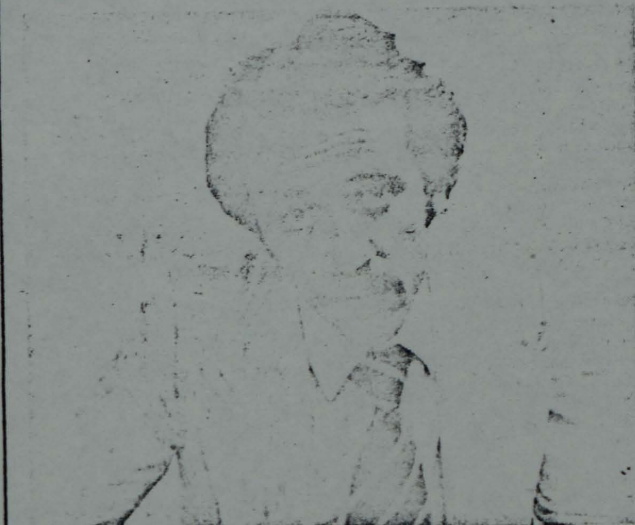
escolas-classe, com exceção para o Núcleo Bandeirante (que chegou a ser cogitado), onde o local seria um ginásio e, apenas devido a isso, foi feito um contato entre o SNT e a Administração Regional. Nas demais cidades satélites, as administrações não eram periodicamente informadas e os pedidos de cessão dos locais vinham sendo feitos junto à Fundação Educacional. Quanto ao Plano Piloto, três opções ficaram estabelecidas, na ordem: Teatro Dulcina, Teatro Nacional e Teatro da Escola Parque.

ESTRANHAS COINCIDÊNCIAS

Mas uma razão apontada por muitas das pessoas que trabalham no meio da dança de Brasília é aquilo que eles chamam de monopólio das grandes academias. E que isso se refletiria na postura dos órgãos patrocinadores na hora da distribuição de verbas. "Não acredito que exista exatamente um monopólio", comenta Paulo Roberto. "Existem, sim, coincidências no fato de que são sempre as mesmas pessoas que são avisadas com antecedência de coisas que vão acontecer, sempre pelas mesmas entidades. Não afirmo que haja má fé, mas que isso efetivamente acontece, acontece".

Na verdade, ainda não se tem uma definição sobre a realização ou não da Mostra de Dança esse ano. Apesar de algumas movimentações por parte do SNT para reativar o projeto, as coisas continuam no mesmo pé. Os grupos não estão informados, o cenário da dança em Brasília estagnado e o público, principal interessado, sem a menor participação no assunto.

Talvez a esperança seja o próprio Paulo Roberto Correa Marques, que apesar de também não saber como as coisas vão terminar já revela: "Tenho a intenção de realizar uma mostra de dança em Brasília, possivelmente em 1981, mas será à minha maneira. Eu prepararei o programa, faremos a seleção dos grupos que possam vir a tomar parte, providenciarei os contatos junto à FCDF e FEDF para que nos cedam seus espaços e, claro, procurarei o patrocínio e apoio do SNT. Por isso mesmo não tenho a mínima vontade de me incompatibilizar com essas entidades porque a realização de uma mostra desse tipo exige a colaboração, patrocínio ou mesmo promoção dessas entidades."



Paulo Roberto ("Copa"): "existem muitas brigas, rixas, picuinhas entre os grupos de dança de Brasília".

Igreja quer participação jovem no processo político nacional

TEXTO: Aladio Maria

Conhecer o nível de consciência e participação dos jovens católicos no processo sócio-político do país é um dos objetivos da pesquisa, que está sendo realizada pela coordenação da Pastoral da Juventude, em cada um dos 70 grupos de jovens do Distrito Federal.

Para o padre Luiz Sefrin, coordenador da Pastoral da Juventude, a pesquisa é importante porque, "com idéias mais claras a respeito da juventude católica, poder-se-á chegar a pistas que ajudem os jovens em sua caminhada: uma maior formação para um maior compromisso."

OBJETIVOS

A Pastoral da Juventude, através de seus grupos e núcleos, vem procurando caminhar na linha de seu objetivo geral — evangelizar integralmente os jovens nas suas dimensões físico-humana, psicológica, social e espiritual. O ponto de partida é "uma maior comunhão com Deus, o que implica na mentalização dos valores evangélicos da paz, justiça, dignidade humana e sobretudo o senso de povo, contrário à noção de massa para uma maior comunhão com os homens".

Dentro dessa ótica, os jovens católicos, neste ano de 80, estão

dando ênfase a um maior conhecimento de sua realidade concreta, o meio ambiente onde vivem. Como exemplo de caminhada, existe o grupo de jovens Sansa, Igreja Santíssimo Sacramento, 606 Sul, onde os seus elementos fundaram um supletivo, usando como professores estudantes universitários, inclusive pessoas não vinculadas ao grupo, com o objetivo de dar oportunidade a trabalhadores que não podem pagar por um supletivo convencional.

O núcleo da Pastoral da Juventude de Taguatinga Sul optou por um trabalho de promoção humana (recreação, higiene e saúde) nas invasões. Segundo Margaret Fátima Oliveira, a Margô, "uma evangelização libertadora que devagarinho visa levar as pessoas a tomar consciência do que é ser gente, seus direitos e como reivindicá-los. Estamos começando a fazer reuniões com os moradores, com o objetivo de formar a sua consciência crítica. A longo prazo pretendemos que eles mesmos assumam a luta pelas suas necessidades."

Na Ceilândia, a luta já está mais estruturada pelos seus moradores. O problema maior dos jovens do Núcleo 7 é ajudar na luta contra a pressão

silenciosa para expulsar os moradores de seus lotes. A verdade é que gradativamente as mensalidades estão ficando inacessíveis aos moradores, o que os obriga, mais cedo ou mais tarde, a se desfazerem de seus imóveis. Como prova da resistência dos moradores existe a Comissão dos Incansáveis Moradores da Ceilândia, pessoas com uma consciência crítica forte, engajadas em denunciar e organizar a população em torno de suas necessidades.

Na opinião do Pe. Sefrin a Pastoral da Juventude, em Brasília, sofre um desvirtuamento grave: "Existe a mentalidade de se voltar mais para a paróquia. Se se puxa o jovem para dentro da igreja ele vai para o coral cantar, vai ajudar nos churrascos e dar cursos. Isso é mal, o importante é a presença-qualidade dos jovens em seu meio ambiente ou seja, no trabalho, na família, nas escolas ou nas universidades e nos bairros onde moram."

O TRABALHO

A pesquisa colherá dados pessoais a respeito dos jovens, sua escolaridade, condição de moradia, ambiente familiar, renda familiar, como utiliza seu tempo livre, tipos de leitura que faz, objetivos de vida, grau de compromisso cristão e sua

consciência e participação no processo sócio-político nacional. Além de vários aspectos sobre o funcionamento e os objetivos do grupo a que pertence. Estas respostas serão obtidas através de um questionário, com perguntas em aberto e de múltipla escolha, onde o jovem responderá o que pensa sobre estes diversos temas.

"As dificuldades dos grupos jovens são muitas, principalmente em algumas áreas da Asa Sul, onde os grupos, continuamente, nascem e morrem", afirmou o Pe. Sefrin. Em sua opinião, o principal problema é a grande heterogeneidade a nível de idade, cultura, interesses pessoais. Outro problema é a entrada contínua de novos membros não conscientes dos objetivos do grupo, dificultando a continuidade dos trabalhos.

Para solucionar esses problemas é necessária a formação de orientadores bem preparados no apoio aos grupos. Outro aspecto importante, em que a Coordenação da Pastoral pretende atuar, é a formulação de um roteiro de estudos por onde os jovens possam caminhar, ou basear-se nele para caminhar, conforme ficou patente na reunião de coordenação do dia 10 de agosto, realizada no Centro Cultural de Brasília.

Psiquiatria no DF: ciência nova em métodos antigos

TEXTO: Roberto Nogueira

Cerca de um terço de todos os pacientes internados nos hospitais psiquiátricos especializados do Distrito Federal são alcoólatras. E é ainda dentro desse grupo que se encontra o maior número de casos de aposentadorias. "Existem muitos pacientes jovens (com vinte e poucos anos de idade), aposentados devido ao alcoolismo; um absurdo, pois o tratamento para alcoólatras deixou de ser através de internação hospitalar há muito tempo atrás."

Quem afirma é Antonio Siqueira Júnior, psiquiatra que atende em sua clínica no recém-inaugurado Centro Clínico do Lago e que também trabalha no Ministério da Previdência e Assistência Social, onde atualmente desenvolve um estudo sobre a psiquiatria no Distrito Federal.

Essa afirmação pode ser comprovada quando se visitam as quatro clínicas psiquiátricas existentes na região da cidade de Brasília: uma no Gama (só de homens), uma em Luziânia (também masculina), uma em Planaltina (mista), outra no Hospital de Base, além de uma Instituição Espírita que dispõe de uns vinte leitos, mas que está totalmente fora do sistema assistencial do governo.

Brasília possui ainda mais de setenta psiquiatras, número que poderia ser suficiente se o sistema

fosse mais organizado, pois geralmente eles perdem grande parte de seu tempo em viagens, dividindo suas atenções, sendo impossível dessa forma prestar um atendimento satisfatório em vários lugares ao mesmo tempo. A explicação de que os salários são muito baixos é usada por todos eles para justificar essa atitude.

Segundo Siqueira, o atendimento pelo INAMPS é altamente insatisfatório, porque ainda funciona num sistema arcaico, que não leva em conta as filosofias modernas de tratamento, como por exemplo a setorização, o tratamento ambulatorial e o tratamento na comunidade, além de ser carente de organização e de pessoal especializado.

Como revelou, o tratamento ainda é feito de uma maneira muito custodial — ou seja, os doentes são presos e confinados dentro dos hospitais, longe de casa e sossegados com medicações potentes, com raros casos de morte ou outras situações que poderiam alarmar a opinião pública. E, como ele fez questão de frisar, esses doentes são pessoas que têm uma certa dificuldade de convívio com o meio externo e sendo tratados dessa maneira os processos patológicos são reforçados.

Também a sociedade e a família tendem a marginalizar o doente, abandonando-o em hospitais distantes do lugar onde moram, tirando-lhe dessa forma qualquer chance de uma readaptação à comunidade.

Algumas doenças mentais mais severas, como por exemplo a esquizofrenia, geralmente atacam os indivíduos ainda jovens, deixando-os diminuídos quanto a sua capacidade de trabalho. Como não existem ainda os serviços de reabilitação, esses casos vão se acumulando e os doentes vão sendo aposentados. Isso não aconteceria se houvesse uma infraestrutura capaz de atender a todos os casos dentro da mais moderna filosofia de tratamento, evitando assim distorções como internações e aposentadorias desnecessárias.

A diferença entre o tratamento feito nas clínicas particulares e em clínicas públicas é muito grande. No primeiro caso o doente recebe o atendimento exclusivo de um médico, o que não acontece no segundo caso, em que ele é atendido alternadamente por vários médicos. Entretanto, se compararmos o tratamento das clínicas particulares de Brasília com o que se faz na Europa, por exemplo veremos que este ainda deixa muito a desejar, principalmente por falta de uma estrutura mais ade-

quada com os novos métodos psiquiátricos de tratamento.

Em comparação com outros estados Brasília tem uma situação diferente, ou seja, existe uma maior concentração de profissionais de saúde e pela própria estrutura física e demográfica da região, seria o lugar ideal para a implantação de uma estrutura baseada nas novas formas de tratamento. Esse parece ser o pensamento daqueles que têm a responsabilidade nesse setor. "Porém", acrescentou, "se considerarmos a situação atual e imediata, o brasileiro não está numa posição privilegiada, pois as distorções são as mesmas, os interesses diversos e, pelo que conheço de alguns poucos estados, a coisa está mais ou menos igual".

Por último ele revela que o Ministro Jair Soares tem procurado melhorar essa situação atual, não obstante ser o seu Ministério um dos menos prioritários para o governo. Com esse objetivo foi criado o "Novo Modelo Médico Assistencial", no qual Siqueira leva muita fé, pois como disse marcará o prelúdio da unificação do Ministério da Previdência Social com o da Saúde, "tomara que dê certo".

UnB FORMARÁ TRADUTORES

TEXTO: J. Emar Gomes

Os interessados pelo estudo de línguas têm agora uma opção bem mais atraente do que o tradicional curso de Letras. A UnB está oferecendo, a nível de graduação, o Curso de Tradução, usando, a princípio, a estrutura do próprio departamento de Letras. O primeiro vestibular, em janeiro deste ano, ofereceu 20 vagas com uma média de quatro candidatos por vaga. Para se candidatar não é necessário nenhum conhecimento extra de línguas, além do exigido para o vestibular. Por enquanto pode-se escolher entre inglês, francês e alemão, mas dentro de algum tempo novos idiomas serão oferecidos.

MERCADO DE TRABALHO

O professor Delton de Matos, responsável pelo curso, defende a iniciativa dizendo que "Brasília é o maior centro internacional do País, sede das embaixadas dos países com os quais mantemos relações. Daqui saem as decisões oficiais brasileiras com reflexos no mundo inteiro."

Um tradutor pode trabalhar numa empresa, num órgão do Governo, em áreas científicas, na imprensa, na dublagem de filmes para a televisão, como secretária bilingüe e até mesmo como editor e tradutor de livros; além de tradutor simultâneo, que pode ser uma das profissões mais bem pagas do ramo. "Este mercado de trabalho seguro tem uma remuneração, na maioria das vezes, melhor do que a do simples professor de línguas", afirma o professor Delton. Um tradutor de livros recebe determinada porcentagem sobre a venda dos livros traduzidos. Secretária bilingüe e recepcionista de embaixadas recebem acima de Cr\$ 30 mil.

Segundo Ricardo Campolina, do Departamento de Congressos, Conferências e Reuniões do Itamarati, transcrições de textos e revisões são feitos por diplomatas que eventualmente trabalham como free-lancers. Para conferências, entrevistas coletivas e reuniões, são contratados tradutores simultâneos da Associação Paulista de Interpretes de Conferências — APIC, ao preço de Cr\$ 10 mil por dia mais passagens e estadia. A Associação Paulista é uma ramificação da AIIIC — Associação Internacional de Interpretes de Conferências — com sede em Genebra, a única que possui credibilidade necessária junto aos órgãos internacionais.

Tudo indica que o Curso de Tradução ocupará um espaço mais significativo que o de Letras.

"O estudo de línguas é uma coisa muito bonita, maravilhosa, para quem tem tendência e gosta, mas a nossa juventude, com toda essa problemática social do mundo, está mais objetiva e quer saber de uma coisa que lhe garanta sobreviver, ganhar o seu pão de cada dia da melhor maneira possível. Dentro dessa perspectiva é que o Curso de Tradução, pelo seu caráter eminentemente prático e realmente intensivo, pode oferecer possibilidades profissionais que o curso de Letras tradicional não pode", concluiu o professor Delton de Matos.

Brasília está tendo a oportunidade de viver uma experiência pioneira em psicoterapia: um treinamento para formação de gestalt terapeutas teve início em maio deste ano sob a coordenação de Walter Ribeiro, um psicólogo paulista ex-professor da UnB. A grande importância do treinamento está no fato de que nenhuma faculdade de Psicologia tem condições de proporcionar ao aluno um trabalho deste tipo, dado seu caráter artesanal, afirma Walter.

O grupo iniciou o treinamento reunindo 20 pessoas numa chácara perto de Sobradinho, sob a supervisão de dois terapeutas, além de Walter. Durante dois anos essas pessoas se encontram para trabalhar com as técnicas de Frederick Perls, uma vez por mês no final de semana, e esses encontros levam o nome de **workshops** — palavra americana que poderia ser traduzida como "seminários de estudo intensivo", ou ainda como "laboratório experimental".

COMO SATISFAZER NECESSIDADES

O psicoterapeuta, então, submete a si próprio como paciente. Além da experiência lhe valer como um aprendiz, vale também como um tratamento, feito mais com a intuição do que com a razão, e por isso mesmo se assemelha muito ao pensamento oriental, ao Zen Budismo: o homem se interioriza, se conscientiza, se responsabiliza e age. Segundo Walter, a Gestalt leva o indivíduo a um ponto além nesta escalada, que é o de saber sair de uma situação depois que a ação foi consumada — coisa que muita gente não sabe que se resume na satisfação da necessidade.

"Vou pegar o exemplo do abraço para você entender. Uma pessoa tem um impulso, digamos o de querer abraçar; tem a sensação do impulso e sua conscientização que pode ou não levá-la à ação, o ato de abraçar. Se ela chega a esta etapa, vai haver um ponto em que se sentirá satisfeita e vai, naturalmente, procurar a saída. Você já reparou como há pessoas que dão um abraço e levam um tempo enorme para resolver desabracar? Há as que apertam sua mão e se esquecem de soltá-la. E há também o famoso caso da fome — ou apetite — que a pessoa não sabe parar de comer, depois de já ter comido o suficiente. A Gestalt, entre outras coisas, trabalha nesta área, que atua diretamente no poder de decisão da pessoa."

APRENDENDO O AQUI-AGORA

Teresa Vignoli, uma psicóloga e poetisa que está fazendo o treinamento, conta suas experiências: "Um dos pontos importantes da Gestalt terapia é a conscientização, que foi a prática do primeiro workshop. A pessoa é levada a tomar consciência do que lhe acontece intelectual, emocional e fisicamente, e para isso a imagem da figura-fundo contribui muito. Os gestos, a expressão, todo o complexo de seu comportamento refletem seu íntimo. A técnica gestáltica evita que seja alimentado o blá-blá-blá que, na verdade, não leva a nada. O impor-

Psicólogo treina gestalt terapeutas em Brasília

TEXTO: M. Angélica T. Lima



ESTAS SÃO AS ETAPAS QUE O GESTALT TERAPEUTA DEVE PASSAR DURANTE OS DOIS ANOS DE TREINAMENTO.

tante é que a pessoa seja levada a sentir a responsabilidade das situações que vive.

Na minha prática, por exemplo, eu estava de terapeuta e a menina contou que não estava se dando bem no grupo, que não tinha energia nem motivação. A medida que ela falava fui tentando captar-lhe as expressões. Notei que suas mãos estavam fechadas, contraídas e mostrei que ela tinha responsabilidade naquele fechamento. O grupo estava chato, mas o que ela estava fazendo contra isso?

É um trabalho muito criativo porque você tem que estar ligado na pessoa e mostrar os efeitos, sem desrespeitá-la. Mostrei a ela o quanto sua energia estava presa e precisava ser liberada. Quando ela se conscientizou, seu rosto, que estava pálido, retomou a cor. É o aqui-agora, entende? É o que se sente no momento."

COMO TUDO COMEÇOU

Em 1972, Walter Ribeiro trabalhava com um grupo em São Paulo, e um deles, Therese Tellegen, uma professora da USP, foi à Europa à procura de novidade. Fez então em Londres três workshops na linha gestáltica, conduzidos por terapeutas americanos. Quando voltou, trouxe as obras, mas só foram come-

çar a trabalhar em 1976.

O mesmo grupo começou então a trazer americanos, treinados pelo próprio Perls, e Walter, já morando em Brasília, ficou conhecendo vários deles, chegando inclusive a trazê-los aqui.

Depois de muita sedimentação da filosofia através de estudos e debates surgem os workshops, que também trazem uma certa semelhança com o trabalho de formação dos mestres de sabedoria do Oriente. A "chácara" do oriental é o ashram, onde o discípulo, internado, tem o privilégio de receber do guru o novo ensinamento.

Walter Ribeiro que, fisicamente, lembra um pouco Perls, mostra-se seguro e satisfeito com a iniciativa dos treinamentos. Em Brasília, os workshops não têm saído muito caros, em comparação com os de São Paulo. Variam muito de acordo com os profissionais trazidos de fora. O último ficou em Cr\$ 2.000,00 por pessoa, quando em São Paulo eles saem por Cr\$ 5.000,00. O primeiro grupo que Walter organizou em Brasília iniciou o trabalho em 1978 e o terminou em março deste ano. Foi este que, na verdade, deu a base para a estrutura do trabalho montado agora. Já foi feito também um grupo no Rio e Walter tem planos de, em breve, iniciar um outro em Florianópolis.

Perls, organizador da Gestalt Terapia

Frederick Perls, formado médico em Berlim, foi discípulo de Freud, mas acabaram por tornar-se antagonistas. "O edifício de Freud valeu-me para que eu construísse o oposto", dizia.

Foi analisado por Wilhelm Reich, de quem sofreu influência. Trabalhou como assistente em Frankfurt e fundou o Instituto Sul-Africano de Psicanálise em Johannesburg, na fuga do nazismo.

Encontrou-se com Freud anos depois e ficou chocadíssimo com a frieza do pai da Psicanálise. Saiu muito aborrecido do encontro que, no entanto,

teve significativa influência na configuração da Gestalt Terapia. A técnica gestáltica é a do calor humano e, mais do que uma terapia, ela é um modo de vida, inspirada do pensamento existencialista.

"Nós não existe, mas é composto de Eu e Tu. É uma fronteira sempre móvel onde duas pessoas se encontram. E quando há encontro, então eu me transformo e você se transforma" (F. Perls).

Morreu em 1970.

Brasília não atrai turistas

TEXTO: Margareth Tieko Miyazaki

As estatísticas revelam que as agências de viagem de Brasília exportam 90% e importam apenas 10% do turismo. Isso significa maior deslocamento dos brasilienses para os estados brasileiros e para o exterior. Preocupado em atrair turistas, o Departamento de Turismo do Distrito Federal, o Detur, planeja para breve o projeto Brasília, Rumo à Capital e algumas agências de viagem lançaram recentemente o Pacote de Turismo em Brasília.

O projeto Brasília, Rumo à Capital, tem como objetivo trazer turistas brasileiros a Brasília. Já o Pacote de Turismo em Brasília, apresentado no Congresso de Turismo realizado na Espanha no primeiro semestre deste ano, visa atrair turistas espanhóis — e europeus em geral — à Capital Federal. Nessa ocasião foram apresentados folhetos com o roteiro da cidade e a proposta do preço de viagem mais acessível.

O proprietário do Torre Palace Hotel e presidente do Sindicato dos Hotéis de Brasília, Raif Gibran, explica porque é baixo o fluxo de turistas. Segundo ele, os agentes de viagem que vieram a Brasília "em sua maioria eram aventureiros", sem o conhecimento adequado sobre a cidade para promover o turismo interno, voltando-se assim para o turismo de exportação. Em sua opinião as agências de turismo não estão capacitadas para operar um Tour a nível da Capital Federal.

As consequências recaem sobre o setor hoteleiro. Embora observações realizadas pelos hoteleiros indiquem o aumento crescente de visitantes em Brasília, os hotéis sentem ausência de hóspedes. Pode-se constatar pelo baixo fluxo de turistas durante quase todo o ano. A situação se agrava ainda mais nos meses de agosto a novembro, época em que aumenta a ociosidade dos hotéis.

Enquanto uns apontam como falhas das agências de turismo, outros abordam como fatores, como no caso da Relações Públicas do Hotel Aracora, Regina Célia Gonçalves, que a causa é a falta de "programação", especialmente a vida noturna e cultural, e acrescenta que se não incrementar o setor de diversão, "não teremos turistas que venham conhecer Brasília". Para ela as pessoas vêm à Capital apenas para conhecer a "cidade programada" e não fazer turismo.

Nesse aspecto, os proprietários, diretores e gerentes de hotéis e agências de turismo foram unânimes ao afirmar que as causas são a falta de divertimento, lazer, a condição climática que em determinado período do ano é desagradável com muito calor e baixa umidade do ar e que a cidade está voltada para os negócios públicos e privados.

NEGÓCIOS E TURISMO

Pode-se dizer que Brasília é uma cidade administrativa. É por esse motivo que durante a semana, isto é, de 2.ª a 5.ª feira os hotéis recebem bom número de hóspedes, compostos de comerciantes e empresários, e esvaziam-se no fim de semana.

Segundo Eraldo Alves da Cruz, diretor de Marketing do Eran Brasília Hotel, diz que é preciso classificar o turista de diversas formas, pois existe o "turista de negócios, turista de convenções, congressos, pequenas reuniões programadas por Ministérios, empresas privadas e o turista propriamente dito". Este último é o que menos se desloca para Brasília.

Assim, ainda que comerciantes, empresários e congressistas sejam também considerados turistas, o que reinv-

dicam o setor hoteleiro e as agências de viagens são turistas que venham só para conhecer a cidade.

Os turistas brasileiros que chegam, vêm porque possuem parentes e amigos na cidade. Isso é apontado como um fator que tem causado a queda de ocupação dos hotéis da cidade, por exemplo, em consequência do incentivo governamental em desburocratizar, oferecendo uma diária ao funcionário público, este prefere deixar de ir para o hotel e ficar na casa de algum parente ou amigo. Só esse caso tem causado redução na ocupação hoteleira de 20% a 30%.

Atraídos pela moderna arquitetura, os turistas ficam no máximo um dia inteiro. De acordo com as afirmações dos agentes de viagens, Brasília pode ser visitada em apenas três horas. Portanto, chegam de manhã e partem à noite.

FALTA DE ATRATIVOS

Brasília ainda não é um pólo de atração turística, apesar de apresentar uma infra-estrutura hoteleira das mais completas e uma beleza arquitetônica inigualável. Falta a dinamização no setor de diversões noturnas e lazer.

O gerente da Presmic Turismo Ltda. Manoel Garcia, deixando de lado essa preocupação, disse que a melhor fase para fazer turismo em Brasília são nos meses de junho e julho e aponta soluções para melhorá-lo, que poderão ser aplicadas pelo Departamento de Turismo do Distrito Federal (DETUR-DF). Ele crê na necessidade de englobar maior espaço turístico, incluindo no futuro o Memorial JK, o Túmulo de Juscelino Kubitschek, Cristalina, Itiquira, Pousada do Rio Quente e Caldas Novas, que são pólos de forte atração, e que não são incluídos nos roteiros de turismo, exceto quando são feitos pedidos.

Apesar de lamentarem a falta do que se fazer em Brasília, muitos confirmam a existência de lugares de entretenimento. A boate do Aracora Hotel ou a Tendinha são bons lugares, mas vendem bebidas muito caras e de funcionamento esporádico. O lago artificial é mal explorado para o turismo, o late Clube de Brasília é um lugar que agrada os visitantes, mas o que dificulta é a constante necessidade de se fazer pedidos à diretoria e os restaurantes considerados bons são caríssimos.

A reclamação normalmente feita por parte dos turistas é da ausência da vida noturna mais intensa e além disso a falta de calor humano, o que é confirmado pelas próprias pessoas da cidade.

A maioria dos turistas que chegam a Brasília são estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos, Espanha e Argentina, também da França, Japão e Paraguai. Os turistas brasileiros são provenientes de São Paulo e Rio de Janeiro.

AGORA, NO EXTERIOR

Para atrair mais turistas a Brasília as agências de viagem vêm fazendo divulgações no exterior com maior intensidade do que nos estados brasileiros. O turismo em Brasília para os brasileiros ainda não foi explorado em sua totalidade.

Está nos planos da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) apresentar em breve vários Tours Institucionais. São tipos de visitas que serão feitas ao Congresso, ao Palácio da Alvorada e demais pontos, a fim de demonstrar aos turistas como funciona praticamente toda a parte administrativa de Brasília.

Os hoteleiros e agentes de viagem acreditam que com isso melhorará o turismo, e que de outra parte caberá ao brasiliense estimular e vender a melhor imagem possível de Brasília.

ENCONTROS INTERNACIONAIS: UMA JANELA CULTURAL PARA O MUNDO OU UM EVENTO PROMOCIONAL?

TEXTO: Jeannette Wojcik Rodrigues da Cunha

Os Encontros Internacionais na Universidade de Brasília (UnB) tiveram início em 1979 com o objetivo de criar um fórum de debates. Mas, têm sido questionados pela Associação dos Docentes da UnB quanto à prioridade que recebem.

Esses Encontros, como afirma o Professor Carlos Henrique Cardim, Decano de Extensão, "são como abrir janelas culturais internacionais para enriquecer o debate acadêmico, favorecendo o fluxo de idéias, são um esforço, também, para colocar a Universidade no roteiro internacional da cultura".

A Editora da Universidade de Brasília complementa essa atividade através do lançamento dos anais dos Encontros. Publicará, ainda este ano, DEUSTH, teórico da informação e iniciador dos Encontros no 2.º semestre, GALBRAITH, de visão econômica pouco ortodoxa e ARON, pensador de linha liberal clássica, respeitado por sua honestidade intelectual, embora combatido no seu posicionamento ideológico de direita e que acaba de se apresentar na UnB.

O Professor Cardim não revela os custos desses Encontros, mas esclarece que são feitos contatos com outras instituições no sentido de colaborarem nas despesas com a vinda dos convidados ilustres.

A POSIÇÃO DA ADUnB

Na opinião do Professor João Cláudio Todorov, Presidente da Associação dos Docentes da UnB (ADUnB), no entanto, a questão dos Encontros Internacionais não está na vinda de Galbraith ou de Aron, nos custos dessas promo-

ções ou, mesmo, no número de pessoas que participa do evento e, sim, na falta de um canal de comunicação entre a reitoria e o corpo docente. Isto é, desde que essas promoções "para fora" do País não impeçam que programas importantes "de dentro" ou da "comunidade brasiliense" sejam realizados, o diálogo internacional é saudável. Mas para o Professor, o poder autoritário que é exercido verticalmente impede a busca das aspirações na comunidade e desestimula o desenvolvimento horizontal de integração das diferentes áreas na Universidade. "Chega-se ao absurdo de professores não conhecerem colegas de seu departamento".

O Presidente da ADUnB afirma que, além dos Encontros Internacionais, outros temas poderiam ser perfeitamente abordados com participação maior da comunidade universitária para a consolidação da UnB como "uma verdadeira Universidade e, não, como uma "Escola Técnica do Planalto e Cia".

O professor João Cláudio, abordando os problemas "de dentro", diz que inúmeras questões necessitam que a classe universitária tome conhecimento, discuta e colabore com sugestões para sua solução. Como a desativação do Programa de Saúde de Planaltina, o Programa Prev-Saúde da Previdência Social, que trata de uma nova filosofia de saúde, a transformação das universidades federais constituídas sob o regime de autarquia para o de fundação ou, ainda, como estão sendo preparados os docentes na UnB. São temas, conclui o Professor, para os quais não se tem percebido uma real preocupação.



32.º Congresso da UNE

TEXTO: Zelinda Maria Chagas Lucca

O 32.º Congresso da União Nacional dos Estudantes, realizado em Piracicaba entre os dias 13 e 16 de outubro, conseguiu reunir cerca de 6 mil estudantes, entre eles 2.664 delegados. Rui César, presidente da UNE, avaliou este encontro "como um dos maiores Congressos da UNE, um sucesso dentro do movimento estudantil brasileiro, na medida em que refletiu o nível de discussão que se trava nas várias escolas em todos os estados do país."

Apesar de alguns atrasos consideráveis e de falhas no encaminhamento das discussões, o Congresso conseguiu deliberar pontos importantes para a ação dos estudantes brasileiros, tais como a eleição direta para a próxima diretoria da UNE e os encaminhamentos para a luta contra o aumento das anuidades e por mais verbas para a educação.

Foram também aprovadas as teses referentes à luta pela completa liberdade política e pela Constituinte livre e soberana para o país.

Para Rui César, um dos pontos mais importantes foi a retomada do relacionamento internacional da UNE, através de sua filiação à UIE — União Internacional de Estudantes — e à OCLAE — Organização Continental Latino-Americana de Estudantes. Estudantes da Venezuela, Chile e Argentina estiveram presentes na abertura do Congresso e um estudante do Panamá representou a UIE, e um do Uruguai representou a OCLAE.

Os estudantes pretendem exigir, a partir deste semestre, subsídios para as escolas particulares sem fins lucrativos e para as escolas de médio e pequeno porte. A doação de subsídios será fiscalizada pela comunidade universitária, o que exigirá a abertura dos livros de balanço das escolas.

Foram aprovados dois dias de luta nacional, quando os estudantes deverão paralisar suas atividades: no dia da votação do orçamento da União, reivindicando 12% para a educação; e no dia 15 de novembro, quando seriam realizadas as eleições para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador, em repúdio ao cancelamento destas eleições, reivindicando a convocação de "uma Assembléia Nacional Constituinte livre, soberana e democrática precedida do fim da ditadura militar".

EIXOS E PROPOSTAS DE LUTA

Outras propostas aprovadas neste 32.º Congresso da UNE reivindicam o fim da Lei de Segurança Nacional e que os estudantes posicionem-se contra o enquadramento de professores, jornalistas, parlamentares, funcionários e sindicalistas; pede apuração imediata dos atentados terroristas e punição dos responsáveis; manifesta-se contra a devastação da Amazônia e do pantanal

mato-grossense, repudiando a instalação de usinas nucleares; apóia a luta do trabalhadores da cidade e do campo; exige o fim das restrições estatutárias sobre a participação estudantil nos órgãos colegiados, levando uma campanha nacional pela participação de um terço dos estudantes; reivindica eleição direta para todos os cargos eletivos das universidades; desde o reitor até diretor de universidade, escolas isoladas e de departamento.

NO NORTE E NORDESTE

O abatimento nas passagens de ônibus, o crédito educativo e moradia estudantil, lutas de todos os estudantes brasileiros, tocam especialmente os do Norte e Nordeste. São eles que mais utilizam o crédito educativo no Brasil; segundo Sérgio Carneiro, vice-presidente da regional norte (da UNE), 70% dos estudantes do Norte utilizam este empréstimo. Recorrem a este sistema de estudo financiado pelo governo por não terem condições financeiras próprias, e saem formados das universidades com débito pessoal junto ao governo, o que lhes causa grande problema frente ao mercado de trabalho.

As universidades, nestes Estados, se concentram em sua maioria nas capitais; além de não satisfazerem à demanda, o estudante tem que se deslocar para a capital e lá morar em repúblicas. As condições financeiras são precárias e a quantia que recebem do crédito educativo — Cr\$ 1.100,00 — não é suficiente nem para a alimentação.

Levando em conta esta situação, foi deliberado neste congresso a luta pela ampliação do número de casas de estudantes, e pela melhoria das já existentes.

AS ELEIÇÕES

As eleições para a próxima diretoria da UNE estão marcadas para os dias 12 e 13 de novembro. De acordo com os interesses predispostos nas propostas de lutas e levando em conta tendências existentes no movimento estudantil, foram apresentadas cinco chapas distintas, na reunião plenária final: chapa 1, formada pelas tendências "Caminhando", "Organizando" e "Refazendo"; chapa 2, fechada entre "Liberdade e Luta" e "Novo Rumo"; chapa 3, "T.L.O." (Tribuna da Luta Operária) e "H.P." (Hora do Povo); chapa 4, "Unidade"; e chapa 5, formada por "Centelha", "Peleia" e "Travessia".

Os debates deverão ser travados em todas as escolas para que os estudantes consigam encontrar o programa mais correto e as pessoas mais representativas que reflitam realmente as idéias e anseios estudantis.

Rui César, apesar de considerar a



maioria dos candidatos capazes de assumir a presidência da UNE e levar adiante a luta dos estudantes brasileiros, está apoiando, particularmente, a chapa 1, presidida por Marcos Galvão (Kalói), ex-vice-presidente da UEE — SP (União Estadual dos Estudantes de São Paulo). Rui afirma: "estou apoiando a chapa do

companheiro Kalói porque é a que representa o programa político com o qual me identifiquei e por refletir as posições pelas quais eu fui eleito presidente da UNE, no ano passado. Acredito que esta chapa tem condições de unificar o movimento estudantil e dirigir a diretoria da União Nacional dos Estudantes."

Centros de comercialização agilizam mercado de hortigranjeiros no DF

TEXTO: Claudio Lessa

O frete não será mais um fator de desestímulo para o pequeno e o médio produtores rurais, e o Distrito Federal será auto-suficiente em hortigranjeiros. Dentro de 45 dias, estarão construídos os três primeiros Centros Rurais de Comercialização implantados pela Secretaria de Agricultura do DF. Os núcleos rurais de Rio Preto, Tabatinga e Taquara-Pipiripau serão os beneficiados. Até o final do ano, eles entram em funcionamento.

Estão programadas as construções dos Centros Rurais de Comercialização também nos núcleos rurais de Vargem Bonita, Riacho das Pedras, e nas colônias agrícolas de Lamarão, Cariru, Buriti Vermelho e Capão Seco.

FUNCIONAMENTO

O Governo do Distrito Federal está desapropriando as terras agricultáveis para a implantação de núcleos rurais. Atualmente, mais da metade destas terras está desapropriada. Mas, mesmo com a formação dos núcleos rurais, o governo tem sentido a falta de participação dos agricultores no mercado. Segundo o coordenador do programa de Centros Rurais de Comercialização, Fábio Luiz Ferreira, esta ausência se dá por causa do frete — muito elevado —, a intermediação, as perdas de produção por causa de colheitas antecipadas, além da falta de disciplina na compra e venda de produtos agrícolas pela falta de informações precisas sobre o mercado de hortigranjeiros.

A Secretaria de Agricultura do Distrito Federal pretende eliminar esses problemas e conseguir chegar à auto-suficiência na produção de hortigranjeiros com os Centros Rurais de Comercialização. Estes centros operarão em conjunto com a SAB, que deverá comprar a produção dos núcleos rurais de duas maneiras: a compra à vista pura e simples, dos

produtos, independente de quantidade, e a compra antecipada da produção, através de contrato firmado entre o produtor rural e o Centro de Comercialização.

Fábio Luiz Ferreira afirma que "estas compras antecipadas de produção irão dar maior incentivo ao produtor rural, uma vez que ele não terá riscos financeiros — entre 40 e 60% do dinheiro serão entregues na assinatura do contrato, para as despesas iniciais — e terá a garantia de estar plantando o produto certo, na hora certa." Além disso, o programa prevê uma remuneração de 30% ao produtor, já computados no contrato.

No caso das compras à vista, sem contrato, o esquema deve ser o seguinte: em dois dias da semana, serão fechados negócios entre os produtores e os Centros de Comercialização, com base nas informações disponíveis. Depois dos negócios fechados, um caminhão recolhe toda a produção negociada, trazendo-a para dentro de Brasília. Fábio Luiz Ferreira fez questão de enfatizar a importância destes Centros dentro do PROHORT, programa lançado pela Secretaria de Agricultura com o objetivo de aumentar a produção, melhorar a produtividade e reduzir os preços de verduras, legumes e frutas consumidas no DF: "É evidente que estes Centros darão oportunidade à introdução de técnicas de plantio mais modernas e formas de adubação mais adequadas e econômicas, contribuindo não só para a simples redução dos preços, como também para a mudança de mentalidade do homem do campo, que a partir dessas realizações procurará se fixar no seu meio. Para isto, nós estamos contando também com a colaboração da EMATER, que será a responsável pela orientação técnica, quando da formação dos contratos a serem assinados pelos produtores e pelos Centros de Comercialização."

Suspense e mistério nos anúncios de emprego publicados no jornal

TEXTO: Joelita Araújo

Uma boa dose de otimismo, ambição e "vontade de progresso" são alguns dos elementos fundamentais para se sair em busca de trabalho empunhando um recorte de jornal de domingo. Nesse dia, os jornais apresentam vários anúncios onde se procuram pessoas "cultas" e "desembaraçadas" para exercerem funções "em regime de autonomia e completa liberdade".

Com um simples recorte desse, qualquer pessoa que esteja procurando trabalho pode se ver envolvida num emaranhado de documentos, testes e mistérios. Os pré-requisitos são totalmente aleatórios, pois entre "ser solteira", "ser ambicioso", "ter carro e telefone" encontra-se um "ter capacidade de introdução", expressão que, mesmo considerando o contexto, tem sentido ambíguo. Na maioria dos anúncios exige-se que se tenha no mínimo 23 anos. Por que não 22 ou 21 anos? Ninguém sabe informar, é sigilo. O outro está precisando de alguém que tenha "espírito de equipe", mas não explica o que vem a ser isso; já no outro exige-se "experiência anterior", dado impossível se todos passaram a exigilo.

Uma das primeiras coisas que também se nota nestes anúncios é a discriminação que fazem com relação à aparência; alguns exigem "bom nível de educação", sem no entanto especificar se é a educação escolar tradicional ou que outro tipo. Nos textos, geralmente feitos pelas próprias empresas que já os mandam prontos para o jornal, reinam a ambiguidade e a má fé.

VIM, VI E VENCI

Para comprovar as dificuldades de quem procura trabalho através de jornal, a repórter Joelita Araújo, do Campus, escolheu um recorte entre os três do mesmo gênero publicados no dia 7 de setembro no jornal *Correio Brasileiro*, por ser o que oferecia maior salário e se dirigiu no dia 8, segunda-feira, à agência na W/3 Sul quadra 503 bloco B n.º 59. Recomendava-se que os homens comparecessem de terno e gravata; quanto às mulheres, nada dizia o recorte, mas dão preferência às bem vestidas. Este anúncio é semelhante a outros dois publicados neste domingo, porém com diferenças no texto e no salário.

Na primeira etapa, ao se apresentar na "agência de empregos" que na verdade não é agência, porque se trata do próprio escritório da empresa, foi necessário mostrar o recorte de jornal. A secretária negou com convicção saber do que se tratava e forneceu um questionário longo onde se perguntava o que mais se gosta de fazer e o porquê de tudo. Feito isso, ela fez o contato entre a candidata e a entrevista-

dora, professora Josefa. Esta falou da empresa de "renome internacional" com mais de dois séculos de existência. Ela também relutou em dizer do que se tratava, desviando o assunto e fazendo menção a um certo "material para laboratório de física", insistiu que era um trabalho de Relações Públicas e que mesmo sendo feito externamente não se tratava de vendas, "absolutamente". Falou sobre degraus a serem galgados na empresa e que ela também começou atendendo ao recorte de jornal. Frisou que o trabalho externo era apenas uma etapa.

Para saber do que se trata é preciso comparecer a uma reunião marcada para o mesmo dia, noutro horário. Lá, o professor Osvaldo, dizendo cuidar da divulgação, começa novamente a falar da empresa que tem mais de dois séculos. O verbo "vender" e todas as suas outras derivações não constou do seu vocabulário. Fez longos comentários sobre as vantagens oferecidas pela empresa, sobre as possibilidades de ganho e que, segundo ele, houve um caso no mês de agosto em que um senhor ganhou Cr\$ 650 mil apenas nos primeiros 20 dias do mês. Este dado, apesar da insistência da repórter, que não se identificou como tal, não foi comprovado. O prof. Osvaldo também começou atendendo a um anúncio de jornal.

Por fim, no último instante, ele contou o grande mistério: tratava-se de fazer a "apresentação" da "famosa e conhecida" *Enciclopædia Britannica*, cuja matriz fica em Chicago e que nos anúncios de jornal é a "empresa com mais de dois séculos de tradição".

A ESTÓRIA SE REPETE.

Essa mesma estória pode se repetir semanalmente e se multiplicar, porque a mesma empresa coloca três anúncios com textos e endereços diferentes. O fato pode ser comprovado através dos recortes e da entrevista com os "professores"; o sigilo só é definitivamente quebrado quando termina o treinamento que dão. Segundo o Sr. Osvaldo, não interessa uma ampla divulgação sobre o trabalho, porque as pessoas de que precisam são poucas e especiais, por isso não especificam no anúncio o tipo de trabalho. Aparecem todos os tipos de pessoas e eles, com uma psicologia toda especial, pinçam quem lhes interessa e quem está interessado. Na segunda semana de setembro, por exemplo, dos três que compareceram e foram escolhidos, todos se comprometeram a iniciar o treinamento no dia seguinte. Desses três entre eles um professor de Química, dois voltaram para o treinamento. Mas isso não pára aí, pois todo domingo começa tudo de novo.

Trabalho de índio vende bem

TEXTO: Roberto Nogueira

A Funai está arrecadando, por mês, cerca de 800 mil cruzeiros, só com a venda do artesanato indígena, o que totaliza a cada ano um montante da ordem de 10 milhões de cruzeiros. Segundo o coronel Luís Carlos Corrêa, diretor da Divisão Geral de Administração da Funai, cargo que ele exerce há quase dois anos, "a entidade não visa obter lucro com a comercialização dessa produção."

A quantia arrecadada é empregada no pagamento das despesas de pessoal (cerca de trinta pessoas), das instalações, transporte, energia, telefone e outras taxas, que deduzidas dão um lucro mínimo que é empregado na formação de estoques nas lojas especializadas do ramo.

São doze as lojas "artífina", todas elas objetivando exclusivamente a comercialização desse tipo de trabalho artesanal: duas no Rio de Janeiro, uma no escritório de representação e outra no aeroporto; duas em Brasília, uma na rodoviária e outra também no aeroporto, além de outras nas cidades de Belém, Manaus, Recife, Cuiabá, São Luís, Campo Grande e no território de Roraima.

O trabalho de avaliação de cada peça artesanal é feito por uma antropóloga que calcula um preço justo, levando em consideração o material que foi usado e o tempo gasto na sua confecção. A cada preço estabelecido adiciona-se o necessário para fazer face às despesas.

Como revelou o coronel Corrêa, o índio recebe em dinheiro a quantia estabelecida pela antropóloga, no ato da venda, e tem total liberdade para gastá-lo no que quiser, pois "não é intenção da Funai gerenciar ou administrar a quantia arrecadada por cada tribo." Disse ainda o coronel Corrêa que não existe um compromisso que obrigue o índio a vender o seu trabalho somente para a Funai. Nesse aspecto também existe total liberdade ao índio de vendê-lo para quem bem entender, ou pagar melhor.

Na época em que a sede do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) funcionava no Rio de Janeiro, tiveram início as primeiras coletas de peças artesanais, com vista à criação do museu nacional do índio. Assim, a partir de 1942, o volume de índios que lá chegavam levando o seu artesanato foi aumentando gradativamente e algumas delas, por já estarem catalogadas na coleção etnográfica do museu, eram adquiridas e comercializadas. É a partir desse ano que fica seguramente estabelecida a idéia da criação de canais para um melhor escoamento dessa produção, feita através de trocas pelos produtos

industrializados de nossa sociedade.

Com a extinção do SPI e a criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), dotada de maiores recursos humanos e financeiros, a política de incentivo à comercialização do artesanato indígena ganha novo alento.

Esse trabalho, resultado de uma atividade natural, pois não é feito com o intuito de ser apenas comercializado, e sim em razão de festas culturais e outras manifestações, e que representa a força viva e a expressão mais espontânea de cada cultura, começa a despertar no índio um interesse comercial cada vez maior, o que não seria bom pois violentaria o que essa atividade tem de mais expressivo, ou seja: seu valor cultural.

A Funai já detectou essa tendência negativa, e vem tentando, por intermédio e cerca de oitenta projetos, incentivá-los a outros tipos de atividades de subsistência, como a extração da borracha, da castanha, exploração de serrarias, projetos agropecuários e agricultura. Nesse ano por exemplo, os Xavantes colheram 64 mil sacas de arroz, que foram divididas em três partes: uma foi consumida, outra vendida, além de deixarem outro tanto, em sementes, para o plantio da safra seguinte.

Entre os cerca de 200 mil índios que vivem no Brasil, cinquenta e cinco tribos participam da produção do artesanato, o que garante um índice alto que, quase em sua totalidade (oitenta por cento), é consumida no mercado interno.

Todo o grupo de atividades que podem ser desenvolvidas por uma tribo, todas elas destinadas a estimular as comunidades indígenas a melhorarem as condições de vida de cada indivíduo, é o suficiente para mantê-la economicamente, além de ser fator de aculturação e integração com a sociedade. A Funai cabe promover, incentivar, facilitar, comercializar e divulgar essa atividade, mas sobretudo não deixar que um excessivo interesse comercial venha subverter as tradições e valores culturais dos índios, porque seria o fim de todo esse sistema, já que o trabalho artesanal representa a força viva da cultura dos índios, está ligado ao seu habitat, decorre do que este lhe oferece, proporcionando-lhe a matéria-prima para a sua arte, na qual ele desenvolve suas características próprias, ocupando um lugar na escala de valores de cada tribo, com seus costumes, língua, qualidades e técnicas individuais na expressão de sua arte.